Wikipédia em
chave de gêneros

WIKIMEDIA
ARGENTINA

Aula 1

“Wikipédia e cultura livre”.

O viés androcentrista na construção do conhecimento

Índice

1. Pré-aula

2. A cultura livre e a democratização do conhecimento

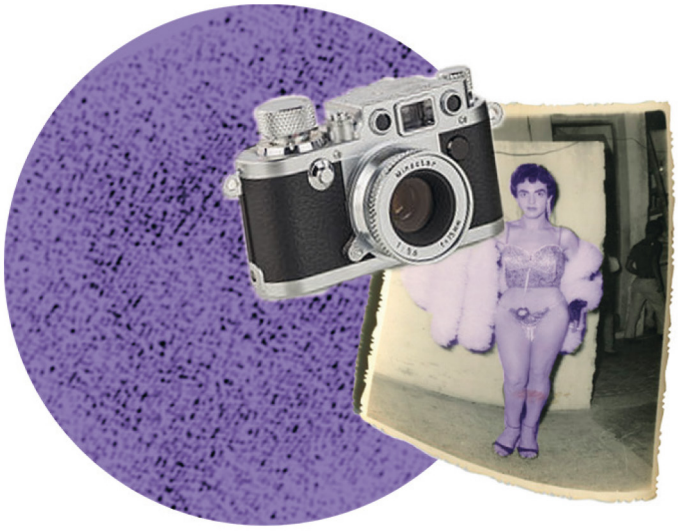
3. O viés androcentrista no conhecimento

4. Vieses e disparidade de gêneros na Wikipédia e em seus projetos irmãos

5. Conclusão

6. Bibliografia

7. Atividade



Tradução: Caio Vinícius Silva

Contextualização e adaptação:
Danielly Campos Dias, Flávia Florentino Varella e Rafael Ghidini

1. Pré-aula

Boas-vindas ao curso “Wikipédia em chave de gêneros”!

Estamos a ponto de começar a aula 1, “Wikipédia e cultura livre”. Nesta aula, vamos refletir sobre a cultura livre, sobre o conhecimento aberto e sobre as disparidades de gênero na Wikipédia.

A aula conta com um material de leitura, com seções de aprofundamento, onde indicamos bibliografia para ampliar o conteúdo apresentado, e sugestões de atividades. Recordem que, se tiverem **dúvidas** sobre o conteúdo explicado nesta aula ou desejarem fazer comentários, sintam-se convidados a participar do Fórum do módulo desta aula.

Esperamos que vocês desfrutem deste material e depois coloquem a mão na massa!

2. A cultura livre e a democratização do conhecimento

Quando pensamos na construção do conhecimento, em como surgem as ideias, costumamos recorrer a uma narrativa histórica que põe a ênfase na figura do “gênio inventor”. Porém, neste gesto, damos todo o mérito ao talento e à inventividade de uma única pessoa e riscamos com uma só canetada o contexto, os debates e a construção coletiva por trás da história do pensamento e das ideias. Porque pensar ou criar ideias não é uma questão de épica, com um herói ou uma heroína criadora, e sim algo um tanto mais complexo.

Seguramente vocês já ouviram dizer que Thomas Edison inventou a lâmpada elétrica e que Galileu Galilei descobriu que a Terra se move ao redor do Sol. Ambos os exemplos constituem uma *verdade parcial*. Embora seja verdade que Edison inventou a lâmpada e que Galileu

descobriu a translação da Terra, para que pudessem realizar esse invento e esse descobrimento foram necessárias determinadas condições, que os excedem e vão além deles ou de seu talento pessoal. Entre essas condições estão, por exemplo, o nível alcançado de desenvolvimento tecnológico da época e as necessidades sociais que imprimem ao avanço científico um certo horizonte de perguntas e que enquadram sua atividade. Nem toda pergunta pelo funcionamento do mundo tem sentido em toda época. A história das relações sociais, seus desafios e seus pesares sinalizam à ciência o caminho.

Então, a lâmpada e o descobrimento do movimento de translação surgem como efeito de um contexto, de algumas condições que tornam possível que o descobrimento aconteça, que também afeta seus protagonistas e a recepção social e comunitária do invento ou do descobrimento. Em um momento específico, certas *evidências* se tornam *legíveis* quando antes não eram. De que depende este surpreendente momento? O conhecimento tem uma origem sócio-técnica e as pessoas que se tornaram grandes cientistas ou pensadoras não são estrelas do firmamento, mas surgem das entranhas dos processos sociais e de seu caráter imprevisível.

Por outro lado, o conhecimento validado cientificamente necessita passar por certos filtros, critérios e cláusulas que deem conta de sua cientificidade. Por exemplo, a física quântica é um paradigma que está definido 1) por um conjunto de hipóteses; 2) por certos métodos de investigação; 3) pelo consenso sobre os *instrumentos* dela; e, por último, 4) por uma *comunidade científica*, que outorga validade a um conhecimento. A comunidade científica se comporta de forma dinâmica, debate, polemiza, discute, constrói acordos a partir da **pluralidade de perspectivas** que, em sua complexidade, aportam **imparcialidade às ideias.**

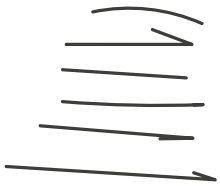
A Wikipédia, a enciclopédia livre e aberta da *Internet*, também se vale dessas duas noções para construir conhecimento, porém o faz abrindo a comunidade a todas as pessoas e não só para especialistas ou acadêmicas. A comunidade de wikipedistas, que reúne informação e debate como criar os artigos da enciclopédia, é composta por voluntários e voluntárias de todo o mundo. Ao mesmo tempo, a pluralidade de perspectivas e a imparcialidade também são *valores epistêmicos*

da enciclopédia livre da *Internet*. Isto é, a pluralidade de perspectivas e a imparcialidade são critérios que servem para avaliar e validar um conhecimento. A Wikipédia é um projeto que põe ênfase no caráter **participativo, colaborativo e aberto** do conhecimento, que é considerado como um **direito**, ao dar um papel protagonista à comunidade de wikipedistas.

Para demonstrar que um discurso científico é imparcial, há que recorrer a métodos e instrumentos que todas as pessoas devem compartilhar. No caso da Wikipédia, para garantir a imparcialidade, recorre-se à construção colaborativa do conhecimento, onde a **pluralidade de olhares** é levada em conta, mediante um uso equilibrado de **fontes primárias e secundárias que validam a informação**. Se houver desacordo entre distintas posturas teóricas sobre um tema, busca-se explicitar as fontes primárias e secundárias de cada posição e contar com as mediações que são oferecidas pela própria comunidade.

Neste sentido, a Wikipédia busca ser um espaço democrático onde pôr à disposição e tornar acessível o conhecimento produzido pela humanidade faz sentido porque ele pertence à humanidade (FERRANTE; GUASTAVINO, 2020a). **É um projeto de conhecimento livre**. Muitas vezes, é difícil encontrar palavras para definir o que é o conhecimento livre, por isso vamos usar a Wikipédia como exemplo: é um projeto que busca a democratização do conhecimento, livre de um dono da informação, e que não responde a nenhum interesse econômico.

O conhecimento livre e aberto se enquadra no que chamamos cultura livre. A cultura livre busca dar nome a uma forma de conceber **o acesso à informação como um direito humano**. Considera-se a ideia de "livre" como uma ação em si mesma, uma forma de refletir sobre como se produz e se compartilha conhecimento, e também uma forma de pensar a posição de quem pode criar (LORENTE, 2020). Assim, a **cultura livre** tem muitos traços em comum com os valores epistêmicos da ciência contemporânea ao compreender o conhecimento como uma tarefa coletiva, na qual o debate e o consenso na comunidade outorgam valor ao conhecimento.



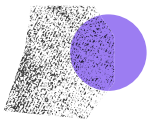
3. O viés androcentrista no conhecimento

Antes de seguir aprofundando sobre como se constrói o conhecimento na Wikipédia, detenhamo-nos um pouco a refletir sobre certas suposições que às vezes são difíceis de ver.

Quando falamos de ***imparcialidade, evidências e comunidade*** científica ou de pensamento, referimo-nos a noções que têm suposições, isto é, seu significado varia ao longo do tempo pois está submetida à mudança histórica. Por exemplo, a noção de imparcialidade ou de objetividade de princípios do século XIX não é a mesma que a de agora. Naquele momento de expansão científica, considerava-se que era necessário e possível fazer observações sobre um objeto que fossem tão imparciais a ponto de não haver viés de subjetividade que impactasse na observação. Propiciavam-se determinadas condições necessárias para realizar uma observação, condições que foram universalizáveis, e qualquer um que recriasse as mesmas condições de experimentação obteria o mesmo resultado. Por exemplo, qualquer um que ponha água no fogo com um termômetro verá que ferve a 100 graus Celsius. É uma observação universalmente replicável. No entanto, pouco se tardou em advertir que a observação científica não pode dar-se sempre desse modo e que, em muitos casos, incorre-se em vieses subjetivos, isto é, em que existe **uma carga teórica no olhar de quem observa**.

Muitas vezes, quem interpreta as evidências o faz a partir de uma visão de mundo, de uma concepção prévia que se traduz em uma maneira de interpretar. Por exemplo, desde a antiguidade clássica se concebeu que os corpos de fêmeas e de machos humanos tinham um único sexo: a genitália masculina era considerada o modelo. Assumia-se que o desenvolvimento intrauterino do sistema genital masculino era o exemplo de desenvolvimento perfeito da genitalidade. No caso das fêmeas, tratava-se de uma genitália mal desenvolvida, fria, sem o calor necessário para desenvolver um pênis. Então, a vagina era entendida como uma luva virada do avesso. Em vez de desenvolver-se para fora, desenvolve-se para dentro e em forma de cavidade como a relação da luva com a mão. A partir desta perspectiva, a genitália feminina era entendida como a mesma que a masculina, porém mal desenvolvida.

Muitos séculos depois, começaram a abrir corpos, a observá-los, medi-los, extrair parâmetros e, ao anotar todas as suas características, observou-se que os corpos das denominadas fêmeas tinham algo mais que uma cavidade em forma de luva, e que havia outros órgãos como o útero, os ovários, as trompas e que em seu conjunto constituíam um funcionamento específico. No entanto, durante quase quatro séculos as evidências e as observações destas diferenças foram negadas porque colocavam em xeque uma concepção milenar sobre a universalidade do modelo corporal masculino. Se se tratavam de dois sexos e não de um com duas versões (uma ruim e uma boa), perdia-se o critério geral para explicar qual era o modelo universal. A consequência era que aqueles homens, que eram quem observavam a anatomia dos corpos, ficavam sem o estatuto corporal hierarquizado a respeito do corpo de qualquer pessoa de sua sociedade. Isto contribuiu para que entre o século XVI e fins do XVIII tais evidências tenham sido torcidas e alteradas em função de manter a coerência com uma concepção geral dos corpos externa à observação, preexistente a ela. A este tipo de dinâmicas do conhecimento chamamos viés, e, nesse caso particular, trata-se de um **viés androcêntrico**. Um viés é a forma na qual nosso pensamento observa o mundo a partir de determinados filtros, que atuam de maneira não consciente e que condicionam nossa observação.



O que é o androcentrismo? É uma forma de olhar. É um conjunto de práticas do olhar que constitui um filtro, que cria hierarquias na observação. Na observação androcêntrica — consciente ou inconscientemente — outorga-se um privilégio e uma posição central ao ponto de vista masculino. No entanto, esta perspectiva não é unicamente atribuível aos homens, mas a todas as pessoas que foram socializadas nesta visão. O androcentrismo forma parte da linguagem e das instituições sociais em que todas as pessoas vivem. Isto quer dizer que esta forma de olhar não depende do gênero de quem olha, mas sim dos filtros que moldam nossa percepção de mundo. Assim, **nossa percepção, nossa sensibilidade e nossa forma de ver contêm vieses androcêntricos que operam na nossa observação do mundo**, para além da identificação de uma pessoa como homem ou mulher. O olhar androcêntrico reforça os papéis estereotipados de gênero das pessoas nas diferentes esferas de suas vidas.

Para saber mais...

A descoberta na América do Sul que desafia a ideia de que eram os homens que caçavam grandes animais na pré-história

Propomos-lhes ler a matéria jornalística *A descoberta na América do Sul que desafia a ideia de que eram os homens que caçavam grandes animais na pré-história*, de Annemieke Milks, disponível neste link e também em PDF disponível no campus.

Verão que, no artigo, a autora explica alguns inconvenientes que o viés androcêntrico trouxe à primatologia.

Vale a pena prestar atenção em como, em sua análise, Annemieke Milks explica que a **pluralidade de perspectivas** é dada pelo caráter aberto, comunitário, debatível do conhecimento, mas **que implica antes uma reflexão sobre como determinados pontos de vista filtram nosso modo de ver, de falar e de escrever instituindo hierarquias nas descrições que fazemos do mundo.**

4. Vieses e assimetria de gêneros na Wikipédia e em seus projetos irmãos

A constituição do conhecimento em geral, e da *Internet* em particular, têm diferentes vieses e disparidades de representação. A Wikipédia é um reflexo da sociedade, porque não está livre deste tipo de invisibilização.

No início de 2023, quando pesquisados artigos do tipo biografia na Wikipédia em português, verificou-se que 19,97% deles eram de mulheres, enquanto que 79,85% eram de homens. Aproximadamente 0,17% das biografias estavam marcadas como pessoas de outros gêneros (WIKIDATA, 2023a). Este desequilíbrio é ainda maior quando consultamos as

biografias de cientistas, onde 88,14% são de cientistas homens e 11,77% de cientistas mulheres, além de 0,07% de cientistas marcados com outros gêneros (WIKIDATA, 2023b). De acordo com o levantamento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), as mulheres representam, em média, 33% dos pesquisadores em todo o mundo (BELLO; BLOWERS; SCHNEEGANS; STRAZA, 2021). Na Academia Brasileira de Ciências, 18,94% de seus membros são mulheres (ACADEMIA, 2023). Portanto, existe um conjunto significativo de dados que apontam para a sub-representação desta parcela de pesquisadoras na Wikipédia e, não obstante ser um tema com muitas variáveis, a baixa participação de mulheres como wikipedistas é um ponto a ser destacado: apenas 11% dos editores da Wikipédia são mulheres (COSTA, 2021).

Esse apagamento acontece com as mulheres cientistas e se repete em praticamente todos os campos do saber e em diversos outros espaços. Por exemplo, no campo da Teoria da História, apenas 5% dos artigos publicados entre 2010 e 2020 na revista *História da Historiografia*, referência nesta área, possuíam como objeto central de estudo obras de mulheres. Além disso, no intervalo de tempo de dez anos, apenas 14% dos membros do Conselho Executivo da revista eram mulheres (VARELLA, 2018). Por isso, o Projeto Mais Teoria da História na Wiki atua de forma direcionada diante dessa e de outras lacunas.

Para saber mais...

Por que faremos uma maratona de edição sobre artistas mulheres brasileiras na Wikipédia?

Convidamo-los a ler a matéria jornalística *Por que faremos uma maratona de edição sobre artistas mulheres brasileiras na Wikipédia?*, das wikipedistas Mariana Valente e Juliana Monteiro. Nesta matéria, as autoras refletem sobre o papel das mulheres na comunidade de wikipedistas e como a própria escolha dos temas dos verbetes escritos na plataforma também possuem um viés androcêntrico.
Encontram-o neste link ou em PDF no campus.

O viés androcêntrico que existe a nível social historicamente outorga maior relevância e visibilidade pública ao trabalho realizado por homens do que por mulheres ou por pessoas de outras identidades. Este é outro problema também difícil de resolver. Recordemos que, na Wikipédia, para poder adicionar novo conteúdo é necessário que haja fontes que validem a informação dos artigos. Socialmente, as atividades públicas e profissionais das mulheres e pessoas LGBTQIAP+ são menos visíveis; por isso que, em muitos casos, as fontes que creditam a relevância de pessoas com essas identidades não existem. Assim, o problema reproduz a si mesmo: não se escrevem entrevistas, notas, livros ou artigos sobre pessoas trans ou mulheres de diferentes profissões, não se escrevem biografias sobre elas na Wikipédia, por isso são menos visíveis na internet, e assim se continua a reprodução dos estereótipos de gênero que supõem que há, por exemplo, menos mulheres fazendo ciência (FERRANTE, GUASTAVINO, 2020b).

Existem muitos grupos dentro da comunidade de wikipedistas trabalhando para que se somem mulheres editoras e para visibilizar a relevância das mulheres e pessoas LGBTQIAP+ na Wikipédia. Podes conhecer parte deste trabalho com os grupos Wiki Mulheres+ e Wiki Editoras Lx.

Ademais, recordemos que a Wikipédia se rege por um critério de relevância enciclopédica na hora de selecionar quem pode ter um artigo biográfico. E a maneira como a comunidade define relevância também está atravessada por vieses, como o viés androcêntrico. Na Wikipédia, isto comumente se traduz na necessidade de aportar mais referências às biografias de mulheres e de pessoas LGBTQIAP+ do que às de homens para poder justificar sua importância e evitar que se eliminem os artigos ou que se coloquem marcações ao topo da página que sinalizem para uma suposta “falta de relevância enciclopédica” nas biografias de algumas pessoas LGBTQIAP+ e mulheres.

Alguns exemplos do viés androcêntrico na Wikipédia:

“Homem” na Wikipédia

Homem

175 línguas

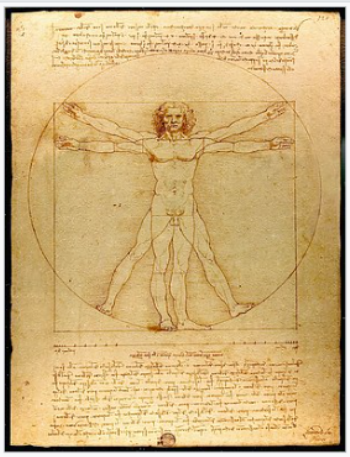
Artigo Discussão Ler Editar Editar código-fonte Ver histórico Ferramentas

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Nota: *Para outros significados, veja Homem (desambiguação).*

Esta página cita fontes, mas que **não cobrem todo o conteúdo**. Ajude a inserir referências. Conteúdo não verificável pode ser removido.—
Encontre fontes: ABW • Google (N • L • A) *(Julho de 2020)*

Um **homem** (do latim *homines*) é um ser humano adulto do sexo masculino, animal bípede da ordem dos primatas pertencente à espécie *Homo sapiens*. "Menino" é o termo usado para uma criança humana do sexo masculino, e os termos "rapaz" ou "moço" para um adolescente ou jovem adulto.[*carece de fontes*] Na velhice, é chamado de idoso, ancião, senhor ou simplesmente de homem. Corresponde a aproximadamente 50,4% da população humana mundial.[1] O termo *homem* pode ser utilizado ainda para se referir ao ser humano de maneira geral.[2][3]



Homem de Vitrúvio por Leonardo da Vinci (1485/90, Veneza, Gallerie dell' Accademia)

Um dos exercícios mais interessantes para pensar de que maneira o viés androcêntrico se expressa, concretamente, no conteúdo da enciclopédia é analisar as suposições por trás de alguns artigos enciclopédicos, ou verbetes, tais como “homem”.

Se observarmos a definição, podemos ver que faz referência a um modelo que se apóia na imagem que aparece ao lado. Trata-se de imagem renascentista em que se vê um homem ideal em função da teoria das proporções áureas, ou seja, uma visão do corpo humano que considera perfeito o corpo que expressa uma harmonia preestabelecida e que é branco. Quer dizer que o homem *em si* é aquele que cumpre com uma norma corporal de perfeita harmonia. Conhecem algum homem assim? Estes tipos de olhares estão atravessados por, ao menos, dois vieses: o *viés de uma norma corporal* construída socialmente como perfeita e atribuída naturalmente ao homem e um *viés racial* que assume que a norma masculina é a do homem branco.

Logo, a definição assinala que o homem representa “um ser humano adulto do sexo masculino”. E então nos perguntamos: quantos pressupostos pode ter um enunciado? Difícil saber, mas este enunciado contém um pressuposto muito forte ao assumir que o sexo biológico ou a genitalidade é o que define um homem. Porém, todos os homens têm sexo masculino? E aqueles homens que não têm “sexo masculino”? E com esta pergunta nos referimos à existência de homens trans e outras identidades masculinas que não têm uma genitalidade masculina. Estamos, então, diante de um *viés cissexista*: que liga o gênero das pessoas às genitálias de seus corpos.

Mais adiante, a descrição pressupõe a ausência de distinção entre criança e adulto. A eliminação das diferenças entre processos de subjetivação entre crianças e adultos redunda no reforço do homem adulto como modelo. Não importa que seja uma criança, o importante é que será um homem adulto. A partir desta perspectiva, a criança contém em si todas as características do homem adulto que naturalmente se desenvolverá no futuro. Trata-se de um *viés adultocêntrico*: o modelo é o adulto, a criança é o mesmo que o adulto, mas em outra escala?

Estas questões são parte do *viés androcêntrico* que coloca na norma masculina um conjunto de atributos que expressam privilégios.

Agora que já aprendemos o que é ou pode ser um “homem” na Wikipédia: o que é uma mulher para a enciclopédia livre? Deixamos o convite para procurar “mulher” na Wikipédia em português e fazer uma análise crítica deste verbete.

A biografia de Norah Borges na Wikipédia

Leonor Fanny Borges, também conhecida com o pseudônimo **Norah Borges**[1] (Cidade de Buenos Aires, 4 de março de 1901 - 20 de julho de 1998) foi uma artista plástica e crítica de arte argentina pertencente ao Grupo de Flórida.

Norah era irmã do escritor Jorge Luis Borges, que apelidou-a de Norah e retratava-a como na citação abaixo:

> Em todas as nossas brincadeiras ela sempre foi a líder, eu o retardatário, o tímido, o submisso. Ela subia ao telhado, subia nas árvores e nas colinas, eu a seguia com menos entusiasmo do que medo.
>
> — J. L. Borges.

Na entrada da Wikipédia de Norah Borges encontramos outro exemplo do viés androcêntrico: Norah Borges é retratada a partir das vozes dos homens, nesse caso a voz de seu irmão. Ademais, o viés tem um caráter infantilizante porque se recorre a uma citação que põe a pessoa leitora em contato com uma menina em relação a seu irmão e não com a artista adulta que se pretende descrever. O que estamos conhecendo com esta definição? Que lugar tem a obra da artista neste artigo?

5. Conclusão

Como vimos, o androcentrismo é uma forma de descrição do mundo enviesada. Porém não é a única: pode vir acompanhada às vezes de outros vieses, como o viés adultocêntrico, o racialista, o capacitista, o cissexista, o heterosexista, etc. Estes vieses, e especialmente o viés androcêntrico, infiltram-se na nossa linguagem e na nossa maneira de olhar por meio do modo como nossa percepção é educada: a forma que aprendemos a observar as coisas na nossa cultura. Todos nós que crescemos e nos educamos nestas formas de olhar tendemos a reproduzir esses vieses, mesmo que de forma não intencional.

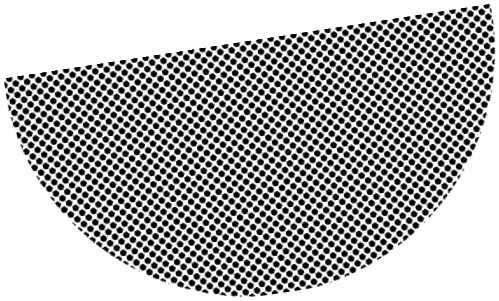
A questão do conhecimento livre, da comunidade que o valida e da neutralidade da ciência é uma oportunidade para observar como operam os vieses e fazer perguntas sobre como podemos modificar ou alterar esta reprodução. Isto é particularmente importante, porque se trata de interromper uma dinâmica de invisibilidade e de minoração de experiências de vida que foram apagadas e silenciadas ao longo da história do conhecimento.

A busca de uma pluralidade de perspectivas na comunidade científica e da imparcialidade nas descrições nos põe diante de uma pergunta possível: *Por que queremos descrever o mundo?* Descrevemos o mundo para entendê-lo. Mas o certo é que descrever é sempre um ato criativo e ao mesmo tempo transformador, porque nessas descrições estamos narrando o mundo e abrindo horizontes. Isto é, toda descrição do mundo parte de um presente para orientar-se até um futuro, e então vale a

pena perguntarmo-nos: em que futuro pensamos quando descrevemos o mundo? Estas perguntas nos permitem pensar **a tarefa da descrição como um ato atravessado por valores: no nosso caso são os valores da imparcialidade e da comunidade como ágora democrática.**

Para encerrar, deixamo-lhes algumas ideias de Donna Haraway, epistemóloga e feminista estadunidense que atualmente produz teoria sobre alguns dos temas que abordamos nesta aula: como fazer mais e melhores descrições do mundo? Sem renunciar à necessidade de critérios de objetividade na ciência, Haraway nos convida a pensar o conhecimento em relação ao aprofundamento democrático da sociedade, inclusive em função da necessidade da transformação das relações sociais que propiciam relações igualitárias e descrições tanto mais plurais como verossímeis.

Devemos buscar as melhores descrições do mundo? Sim, mas não existe algo assim como as melhores descrições em si, senão em relação ao mundo que queremos, em relação ao mundo ao qual aportamos sentido. Ver e descrever é já realizar uma ação. Não podem haver descrições totalmente desinteressadas, pois toda descrição é uma ação responsável. Todo ponto de vista na observação está situado e marcado por coordenadas externas à observação, pelas condições em que se pensa e descreve. Ser um sujeito que conhece e descreve só nos torna iguais a outras pessoas na medida em que todas conhecem e descrevem o mundo, e o fazem de forma parcial, com responsabilidade pela sua parcialidade. É por isso que a construção do conhecimento se nutre da comunidade em uma pluralidade de perspectivas.



6. Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Titulares*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: http://www.abc.org.br/membros/titular/. Acesso em: 15 fev. 2023.

BELLO, Alessandro; BLOWERS, Tonya; SCHNEEGANS, Susan; STRAZA, Tiffany. To be smart, the digital revolution will need to be inclusive. *In*: UNESCO. *UNESCO Science Report*: the Race against Time for Smarter Development. Paris: UNESCO Publishing, 2021. p. 109-135. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377433.locale=en. Acesso em: 18 fev. 2023.

COSTA, Pedro Rodrigues. *Perfil dos editores da Wikipédia em língua portuguesa*. 2021. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Perfil_dos_Editores_da_Wikip%C3%A9dia_em_L%C3%ADngua_Portuguesa.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.

FERRANTE, Luisina; GUASTAVINO, Florencia. *Produciendo Wikipedia*. Programa de educación y Derechos Humanos de Wikimedia Argentina. Edição de Miriam Latorre. 2020a. (Enseñar con Wikipedia) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6e/Produciendo_en_Wikipedia_02.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.

FERRANTE, Luisina; GUASTAVINO, Florencia. *Como nos ven en Wikipedia*. Programa de educación y Derechos Humanos de Wikimedia Argentina. Edição de Miriam Latorre. 2020b. (Enseñar con Wikipedia). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Como_nos_ven_en_Wikipedia_04.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.

LORENTE, Patrício. *El conocimiento hereje*: una historia de Wikipedia. Buenos Aires: Paidós. 2020.

MILKS, Annemieke. A descoberta na América do Sul que desafia a ideia de que eram os homens que caçavam grandes animais na pré-história. *BBC News Brasil*. 9 nov. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-54849024. Acesso em: 12 fev. 2023.

VALENTE, Mariana; MONTEIRO, Juliana. Por que faremos uma maratona de edição sobre artistas mulheres brasileiras na Wikipédia? *Internet Lab*. São Paulo, 8 mar. 2018. Disponível em: https://internetlab.org.br/pt/noticias/por-que-faremos-uma-maratona-de-edicao-sobre-artistas-mulheres-brasileiras-na-wikipedia/. Acesso em: 12 fev. 2023.

VARELLA, Flávia Florentino. Limites, desafios e perspectivas: a primeira década da revista História da historiografia (2008-2018). *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 11, n. 28, p. 219-265, set.-dez. 2018. Disponível em: https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1427/764. Acesso em: 14 jan. 2023.

WIKIDATA, *Wikidata Query Service*. 2023a. Disponível em: https://w.wiki/6Le8. Acesso em: 15 fev. 2023.

WIKIDATA, *Wikidata Query Service*. 2023b. Disponível em: https://w.wiki/6Lew. Acesso em: 15 fev. 2023.

7. Atividade

Para encerrar esta aula, queremos propor três atividades breves.

Primeiro, convidamos cada um de vocês a apresentarem-se no Padlet, marcando sua localização geográfica e dizendo:

- Seu nome e como prefere ser chamado.
- O que você espera deste curso?
- Sobre quais temas gostaria de editar na Wikipédia? Por exemplo: tem interesse em melhorar biografias, conceitos, artigos sobre história do feminismo?

Segundo, convidamos a compartilhar no Fórum da aula no Moodle uma breve reflexão sobre o conteúdo da aula a partir da análise de um verbete do tipo biográfico na Wikipédia. Procure um artigo de seu interesse na enciclopédia em português e explique, em até 150 palavras, de que maneira você acredita que o androcentrismo está presente nele. Caso precise de inspiração para começar, experimente clicar aqui e veja um artigo aleatório da Wikipédia! Leve o tempo que precisar nessa escolha, pois retornaremos esse verbete ao longo do curso.

Terceiro, pedimos que você leia esta escala de avaliação de verbetes na Wikipédia e busque identificar em qual posição está o verbete que você escolheu. Apresente uma lista com os elementos que fazem com que o verbete se enquadre nessa posição, dividindo-os em elementos de conteúdo e elementos de forma. Compartilhe essa lista no Fórum da aula no Moodle.